

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

Algumas medidas de Trump ferem a livre iniciativa, princípio que tornou os Estados Unidos o país mais rico do mundo

Ânima Educação lança "universidade" para influenciar

A era dos influencers chegou a todas as áreas de negócios. A Ânima Educação, dona das faculdades São Judas e Anhembí Morumbi, e a Agência Califórnia vão investir R\$ 40 milhões na construção de um campus dedicado à formação de criadores de conteúdo digital. Ele ficará na cidade de São Paulo, com previsão de abertura ainda em 2025. A grade curricular da Community Creators Academy terá disciplinas como engajamento, marketing digital, inteligência artificial e empreendedorismo.

Instituto Lula/Divulgação



Servidores criticam gestão de Pochmann no IBGE

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vive momentos turbulentos. Desde 2023, quando assumiu a presidência, Márcio Pochmann vem sofrendo resistência dentro do órgão. Elas se intensificaram nesta semana. Em carta assinada por 100 servidores, Pochmann foi acusado de ter "viés autoritário, político e midiático". Os profissionais também lamentam a criação da Fundação IBGE+, acusada de operar de forma paralela à autarquia. As confusões com Pochmann não surpreendem — ele sempre foi criticado por economistas importantes.

Na economia de Trump, o protecionismo fala mais alto que o livre mercado

Donald Trump, afinal, é um liberal na economia? Importar tarifas comerciais e praticar o protecionismo econômico não difere em nada daquilo que gostam de fazer governos populistas, especialmente os de esquerda. Como se não bastasse, Trump defendeu a compra da rede social chinesa TikTok por seu mais influente funcionário, o bilionário Elon

Musk. Mais do que isso: uma das ideias é que o TikTok seja adquirido por meio de uma joint venture entre Musk e o governo dos Estados Unidos. "Eu tenho o direito de fazer um acordo", disse Musk. "O que estou pensando em dizer a alguém é: compre e dê metade para os Estados Unidos e nós lhe daremos a permissão, e eles terão um

ótimo parceiro." E se uma empresa brasileira sofresse pressão desse tipo para vender seus ativos em território norte-americano? Ficariamos satisfeitos? Algumas medidas de Trump ferem a livre iniciativa, princípio que tornou os Estados Unidos o país mais rico do mundo. E isso não tem nada a ver com liberalismo econômico.

RAPIDINHAS

- » A fintech do ramo de energia Sol Agora, que pertence à gestora canadense Brookfield, levantou R\$ 800 milhões em uma rodada de investimentos. Segundo a empresa, os recursos serão destinados à instalação de sistemas solares em 40 mil residências. O setor de energia solar deverá atrair R\$ 40 bilhões em investimentos no Brasil em 2025.
- » A plataforma de streaming Netflix alcançou, no último trimestre de 2024, uma marca importante. A empresa adicionou 18,9 milhões de clientes no quarto trimestre, o maior número da história. Há uma explicação para isso: os retornos da série sul-coreana "Round 6" e dos grandes eventos esportivos na grade de programação.
- » A inadimplência está caindo no Brasil. De acordo com um levantamento feito pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), 76,7% das famílias brasileiras estavam endividadas em dezembro de 2024. Em novembro, o índice foi de 77%. Na comparação anual, a queda foi de 0,9 ponto percentual.
- » A startup catarinense Paytrack captou US\$ 40 milhões junto ao fundo norte-americano Riverwood. Com os recursos, a Paytrack, pretende levar suas soluções para outros países da América Latina. A empresa faz a gestão de despesas e de viagens corporativas de seus clientes. Em 2024, sua plataforma gerenciou R\$ 3 bilhões em gastos corporativos.

Microsoft compra créditos de carbono da brasileira Re.green

Em meio ao desprezo crescente de muitas empresas em relação a temas, como sustentabilidade, um movimento feito pela Microsoft chama a atenção. A empresa americana vai desembolsar US\$ 200 milhões para comprar 3,5 milhões de créditos de carbono da startup brasileira Re.green. A ideia é contribuir para o reflorestamento da Amazônia e da Mata Atlântica nos próximos 25 anos. Com isso, a Microsoft se qualifica como uma das maiores investidoras do mundo em projetos de eliminação de carbono.

116,5 MILHÕES DE EUROS

Foi quanto o futebol feminino movimentou em receitas no mundo, em 2024, segundo estudo da consultoria Deloitte. É o maior valor da história



Pierre-Philippe MARCOU/AFP

ENHOABUENA POR LA ESTRELLA
DE FEMEA UNOCI

AFP



A energia fornecida por fontes renováveis é uma oportunidade econômica extraordinária e beneficiará pessoas em todos os países"

António Guterres, secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU)

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Presidente argentino cogita novamente sair do bloco sul-americano para negociar diretamente com os EUA e levanta debate sobre flexibilização

Animado com Trump, Milei ataca Mercosul

» VANILSON OLIVEIRA

Getty Images via AFP



Javier Milei, presidente da Argentina, foi um dos líderes da direita convidados para a posse de Donald Trump

As declarações do presidente argentino, Javier Milei, sobre uma possível saída da Argentina do Mercosul para firmar um acordo comercial com os Estados Unidos reacenderam o debate sobre o futuro do bloco sul-americano. Crítico histórico da integração regional, Milei classificou o Mercosul como uma "prisão" e reforçou a defesa de uma flexibilização nas regras para que os países possam negociar diretamente com outras nações. Especialistas concordam que o bloco precisa urgentemente de flexibilização para se adequar às demandas do comércio global.

"Estamos trabalhando fortemente na possibilidade de criar um tratado de livre comércio. De fato, a recentemente assumida presidência do Mercosul disse que deveríamos avançar para ter a independência de cada país com acordos de livre comércio. O Mercosul não pode ser um obstáculo para isso. Enquanto trabalhamos em paralelo com o governo dos EUA por um acordo de livre comércio, trabalhamos portas adentro no Mercosul para ele que não seja um impedimento", afirmou Milei, ontem, em entrevista à Bloomberg no Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça.

Criado em 1991, o Mercosul reúne Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai com o objetivo de promover a integração econômica e comercial na região. Contudo, os desafios do bloco aumentam, como a lentidão

em negociações externas, os conflitos entre os interesses nacionais e as amarras que dificultam a flexibilização dos acordos bilaterais. Segundo os analistas, a crise atual pode servir como uma oportunidade para reformular as regras e garantir a relevância do grupo.

Arthur Pimentel, presidente do Conselho de Administração da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), defendeu uma abordagem mais flexível para o Mercosul. Segundo ele, o bloco precisa se modernizar e ampliar o número de membros. Para o diretor de Comércio Exterior da Câmara de Comércio, Indústria e Serviços do Brasil (Cisbra), Arno Gleisner, há

falta de progresso desde a fundação do Mercosul. "O bloco tem patinado ao longo das décadas e não conseguiu se adaptar ao cenário geopolítico mundial. Precisamos remodelar sua estrutura para que os países membros tenham mais autonomia sem comprometer os benefícios coletivos", avaliou.

O cientista político Leonardo Paz avalia que a saída da Argentina do Mercosul seria um movimento mais simbólico do que prático. "A Argentina tem um setor produtivo fragilizado e dependente dos benefícios tributários do Mercosul. Um acordo com os EUA, sem as proteções atuais, levaria a indústria argentina a um colapso", afirmou

Paz. Ele lembrou que o comércio entre Argentina e EUA representa uma fração mínima em comparação com as trocas comerciais do Mercosul, o que tornaria essa saída economicamente inviável.

Especialistas convergem na avaliação de que a saída da Argentina do bloco traria prejuízos não apenas para o país vizinho, mas também para o Brasil. O comércio entre os dois países é 10 vezes maior do que o fluxo entre Argentina e EUA. Além disso, o Mercosul é uma plataforma estratégica do Brasil para exportar manufaturas e produtos agrícolas, setores seriam impactados pelas mudanças na aliança.

CÂMBIO

Dólar fica abaixo de R\$ 6 pela 1ª vez desde novembro

» RAPHAEL PATI

O dólar comercial recuou pelo terceiro dia consecutivo, impactado pelo "Efeito Trump", em referência ao retorno do republicano Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, que tende a adotar medidas protecionistas.

Ontem, a divisa norte-americana atingiu o menor patamar desde 27 de novembro de 2024, ou seja, antes de o governo federal ter apresentado o pacote de medidas de corte de gastos para fortalecer o arcabouço fiscal. Analistas acreditam que a queda do dólar foi provocada pelo adiamento da decisão do governo norte-americano de elevar tarifas para produtos vindos de outros países, entre eles, o Brasil.

A moeda norte-americana encerrou o pregão de ontem cotado a R\$ 5,946, com queda de 1,40%, mas chegou a atingir a mínima de R\$ 5,91 ao longo do dia. Desde o início do mês, acumula queda de 3,77%, em meio a um noticiário doméstico mais esvaziado, além de incertezas no cenário externo. Já o principal índice da Bolsa de Valores de São Paulo (B3), o Ibovespa, fechou, ontem, em queda de 0,3%, aos 122.971 pontos.

Na visão de especialistas, o adiamento das decisões de

Trump relacionadas ao aumento de tarifas, que deve ficar para fevereiro, diminuiu a pressão sobre o mercado e sobre outras moedas. Mas essa queda deve ser momentânea, uma vez que a tendência é de que a divisa norte-americana deve seguir valorizada, sendo cotada acima de R\$ 6 ao longo deste ano e de 2026, pelas projeções do mercado. Ontem, o Banco Central divulgou dados sobre o fluxo cambial no país. Até o último dia 17, o fluxo em janeiro foi negativo em US\$ 3,8 bilhões, ou seja, saíram mais dólares do país do que entraram.

O economista-chefe e sócio da APCE, André Perfeito, é taxativo ao afirmar que "ainda é muito cedo para ficar otimista com o real". "Não é possível dizer que o real está ganhando força sozinho. Contudo, acumulam-se evidências de que o real pode estar sendo valorizado pelos efeitos cumulativos da taxa básica da economia (Selic) em alta", considerou o especialista. Felipe Sant'Anna, especialista em mercado de câmbio da Star Desk, afirmou que o momento pode ser uma "belíssima oportunidade" para os investidores comprarem dólar. Além disso, a decisão do BC de realizar novos leilões de swap cambial neste mês, segundo ele, deve ser outro fator que pode reduzir a pressão sobre o dólar.

Vandertei Almeida/AFP



Moeda americana cai 1,40% para o menor valor desde 27 de novembro